

## AS VISÕES DE DONA OLGA

Plínio Carneiro

Dona Olga desafinou, logo ela, a mais exigente do coro. Desafinou e fez feio, cantando coisas diferentes da letra e da música que sabia de cor e salteado. E o pior é que todo mundo percebeu: o padre teve uma parada rápida no altar, os cantores olharam para ela — só os fiéis permaneceram quietos nos bancos, alheios à desafinação de Dona Olga.

\* \* \*

Baixinha, 38 anos, as pernas roliças, cabelos pretos, lisos, amarrados em coque; busto grande, apertado no corpete de armação. Chefe de seção na Secretaria — um modelo de vida sem mancha.

A cara bochechuda, as mãos nervosas, a boca num contínuo esgar de ironia reprimida. Mordaz, às vezes, a Dona Olga, principalmente no que se referia às atitudes da sobrinha Júlia, uma verdadeira *hippie*, cheia de colares, cabelo assanhado, o dia inteiro escutando os gritos da radiola.

Do apartamento para a repartição ou para a igreja, era a sua vida, desde que acabara com aquele namorado, há bem uns quatro anos, com o Afrânio, um magrelo que mexia com concertos nos apartamentos. Depois foi o Zé Neves, namoro rápido que acabara sem se firmar. Bons tempos aqueles, das barraquinhas da igreja, quando podia ficar até tarde na rua sem que os vizinhos achassem nada que pudesse cheirar a semvergonhice. Agora, era um ficar

eternamente na sacada — já criara até um calombo perto dos cotovelos pelas horas e horas olhando o movimento do bairro.

\* \* \*

Padre Afonso, filho de família rica, dividia o tempo entre a paróquia e as pequenas empresas que ajudara a montar. Fora da igreja, de paletó e gravata, trabalhava como qualquer cristão menor, juntos aos irmãos, comerciantes de linhagem, respeitados na cidade.

Alto, forte, vermelhão, um nariz fino encavalado sobre a boca, boca que era uma linha só nas práticas contra os rapazes do bairro, contra as moças perdidas que, ao invés de freqüentar a missa, preferiam fazer ponto nos locais escuros, sempre agarradas aos namorados. Contra a molecada que não perdia oportunidade de organizar chacotas com os nomes das bondosas senhoras que tanto o ajudavam nos trabalhos da igreja. Chacotas que atingiam, quase sempre, Dona Olga, um modelo de virtude e abnegação.

Era bonitão, o Padre Afonso. O cabelo liso, penteado no estilo vaca-lambe, grudado na cabeça. Era elegante em seu terno marrom, ou ostentando os paramentos da batina ou apenas de camisa esporte, sempre abotoada até o pescoço.

As vezes ríspido, seco, Padre Afonso mudava nos longos papos com as integrantes da Associação dos Paroquianos. Mostrava-se fácil, alegre, descontraído, sem levantar a voz, paternal.

No púlpito, era o grande ator, na eloqüência com que defendia os ensinamentos cristãos. Olhava a platéia atenta, levantava os braços e sua voz subia e descia de acordo com o dogma defendido. A figura alta e magra avançava e recuava no estreito espaço do púlpito, as mãos sempre apontando o céu. Um grande ator, o Padre Afonso.

\* \* \*

Como começara a descobrir o interesse do padre por ela Dona Olga não sabia. Só se lembrava das vezes em que ele

a havia escolhido para ser líder dos grandes movimentos: colocar luz nos cantos escuros; acabar com o futebol nos pátios dos edifícios; convocar a polícia para impedir os estacionamentos dos carros de namorados nas rampas; impedir o vai-vem dos desocupados nos prédios.

E a ternura com que o padre se dirigia a ela? A voz adoçava, os olhos brilhavam atrás dos óculos, tinha sempre um elogio à sua atuação em defesa da decência do bairro. A mão gordinha de Dona Olga, sem a mistificação dos esmaltes, desaparecia entre as manoplas do padre — ela ficava até sem jeito perto das colegas do coro paroquial.

Seria pecado? Eram apenas olhares, nada mais que colocasse em questão a sua honestidade. E só de pensar em pecado Dona Olga estremecia, sentia-se num drama de consciência, só afastado quando entoava o “Bendito, Louvado Seja”, ou “O meu coração é só de Jesus, a minha alegria é a Santa Cruz”.

\* \* \*

Era um bairro difícil para se morar. Aqueles edifícios amarelos, sujos pelo tempo, amarrados entre si pelas pontes no sexto andar de cada prédio — uma cidade de seis mil pessoas, acotoveladas pelos novecentos apartamentos.

Era o melhor lugar do mundo para a rapaziada, sempre a descobrir novas brincadeiras nos campos de basquete, de futebol-de-salão e no descampado que servia para o futebol. A qualquer hora do dia ou da madrugada havia gente na entrada dos prédios, nos meio-fios. Quando chegava o verão, a molecada ia para as rampas gramadas que circundavam o conjunto residencial, os olhos buscando, dentro dos apartamentos, a visão de alguma moça a trocar de roupa com a janela aberta.

No bairro, os dramas se sucediam nas alas, tomavam corpo nos pátios, viravam novela na boca dos desocupados: logo chegavam ao conhecimento de todos, como um rastilho de pólvora. Era um bairro onde todo mundo conhecia todo

mundo — não havia vida particular, não havia alegria isolada, nem tristeza de solidão.

A turma de rapazes do bairro era de amargar. Sempre à procura de diversões diferentes, era raro o dia em que os moleques, de dez a trinta anos, não descobriam um modo de amargar a vida do Padre Afonso. Mas não era somente o padre que sofria nas mãos dos rapazes: o velho Ratto penava nas brincadeiras de mau gosto, principalmente quando fizeram seu enterro, com caixão, vela, violão — uma cachaçada no campo de vôlei que atravessou a noite e só terminou com a chegada da rádio-patrolha.

Todas as pessoas eram atingidas pela turba maleducada: se não era o roubo do vinho da igreja, eram as latas de lixo que amontoavam nas portas dos apartamentos; se não era o roubo das galinhas — colocando milho nos anzóis — era a troca das letras do letreiro do cinema, formando palavras indecentes.

Era uma turma feroz, de brigas sem fim, cada rapaz com um apelido de marginal: Dangola, Ferida, Zoreia, Galo Velho, Churrasco, Macadame, Tripé, Mãe-Preta, Chulé, Soneca, Xistose, Cabeção, Frango-Dágua, Tico-Tico, Puxeiro, Cai-Cai, Fuzil, Pé-Na-Cova, Cabrito, Sapo-Boi, Mão-Na-Massa, Falecido, Melhoral, e tantos outros de se perder a conta.

E era uma turma perigosa, sempre à espreita para as vinganças, quando os moradores chamavam a polícia para conter as bagunças. De uma vez reuniram as fezes de mais de trinta e sujaram toda a sacada do apartamento de Dona Olga, só porque ela se recusara a devolver a bola que lhe quebrara o vidro da cristaleira. Foi uma sujeira total: persianas, mesas e cadeiras, atingidas pelos petardos fedorentos, embrulhados em jornal — foi preciso muito sabão, muita água e creolina para limpar toda aquela porcaria e apagar o mau cheiro.

Prisão para todos, era o que estava faltando. Um bom par de semanas na cadeia, uma surra de borracha: era isto que o Padre Afonso falava com Dona Olga quando ela se queixava das brincadeiras de mau gosto da rapaziada.

\* \* \*

Dona Olga não se dava bem com Marcos Ramalho, para ela apenas mais um moleque do bairro, com idéias contrárias à existência de Deus, igual aos comunistas. E quando via a sobrinha aos beijos com Marcos, ela não se continha: iniciava um bate-boca que acabava por chamar a atenção dos moradores dos outros apartamentos.

Marcos era um dos líderes da turma do bairro. Rapaz magro e agressivo, até que bonito. Quando estava na veia boa tinha uma conversa agradável, mas essa veia era difícil de acontecer. No mais, o diálogo com ele se resumia em resmungos de parte a parte ou em perguntas que Dona Olga não sabia responder.

Ela desconfiava das relações de Júlia com o rapaz, mas preferia fazer de conta de que nada sabia, tentava esquecer as madrugadas que, de cotovelo fincado na sacada, escutava os gemidos da sobrinha, encantada atrás da escada com o namorado. Ela ainda iria dar um jeito no namorado da sobrinha, prometia a si mesma; a polícia vivia doida por um motivo para encanar o tal de Marcos, líder da molecada local.

\* \* \*

Júlia estava há cinco anos, desde os treze, na casa da tia. Dona Olga nunca dera muita bola para família, até que sua irmã morrera e ela, com pena da filha natural da falecida, tomara o encargo de criar a menina.

Mas Julinha não tinha jeito: não queria estudar, e para tirar o normal fora uma luta — era o dia inteiro colada na radiola, escutado os discos de música barulhenta, ou nos cantos com as colegas, as perdas do bairro, sempre prontas a entrar em qualquer carro que estacionasse perto dos edifícios. Aos pedidos de Dona Olga para ela não escandalizar os vizinhos, a sobrinha respondia que “estava cagando e rasgando para a opinião de todos”.

Quando Júlia conheceu Marcos, Dona Olga pensou que o namoro acabaria em casamento. Mas cedo viu que o rapaz não era boa bisca, com aquela agarrção toda eles não tinham nem tempo de pensar no futuro.



Às vezes, Dona Olga examinava a sobrinha: magra, bonita, de pernas longas e finas, com aquelas minissaias que mostravam tudo, ou com aquelas calças desbotadas, tão apertadas que pareciam ter sido costuradas no corpo. Desconfiava que a sobrinha não era mais virgem, mas tinha medo de falar no assunto, iria arranjar uma briga irremediável e ela não estava disposta a ficar sozinha outra vez no apartamento. Afinal, tinha prometido a si mesma criar a menina e iria aturar tudo até que ela arranjasse um casamento.

Procurava levar Julinha a aceitar as coisas da igreja, mas desistira depois de uma conversa desagradável, bate-boca incentivado pelo namorado, às gargalhadas.

— Quem é o Divino Espírito Santo?

— É uma das pessoas da Santíssima Trindade.

— E quem é a Santíssima Trindade?

— Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas distintas e uma só verdadeira.

— Ah, é? E Jesus e Deus são as mesmas pessoas?

— Não, Jesus é filho de Deus.

— E quem é o pai de Deus?

— Deus é o criador de tudo.

— E quem é a Virgem Maria?

— É a mulher de São José.

— Se ela é a mulher de São José e mãe de Jesus, então ela não é virgem coisa nenhuma.

— É o mistério da Encarnação, Julinha. Jesus foi concebido por obra e graça do Espírito Santo.

— Então Jesus não é filho de Virgem Maria e sim filho natural de Maria e José, não é?

— Não. Não é assim, não.

— E Adão e Eva, são filhos de quem?

— Eles foram criados por Deus.

— Criados assim sem mais nem menos? Então porque Jesus não foi criado assim também?

— Jesus foi depois, Adão e Eva foram criados no início do mundo.

— E Caim e Abel, sendo filhos de Adão e Eva, como é que se propagou a espécie, os dois são homens ou não?

— Ah, Adão e Eva tiveram outros filhos e filhas.

— Mas eram todos irmãos, e irmão não pode fazer filho na irmã, isto é incesto.

— Naquele tempo podia.

— Ah, podia, é?

\* \* \*

Marcos estava danado da vida. As orelhas tremiam, a boca mostrava um esgar antipático. Descobrira que havia sido Dona Olga ou o Padre Afonso que o acusara na delegacia. E logo com aqueles guardas que nunca o viam com boa vontade. Pois ia falar poucas e boas com aquela coroa metida a santa.

— Todo mundo do bairro sabe que você, com toda sua santidade, é tarada com o Padre Afonso. Você, com sua testa preta de tanto rezar, está é querendo ir para a cama com ele. E todo o bairro está te gozando, porque o Padre Afonso é bicha, vive passando a mão nos meninos do catecismo.

— Pederasta é você, seu comunista de meia-tijela.

— Eu, pederasta? Eu nasci na roça e quando me tiraram de dentro da mãe, meu pai perguntou à preta Zulmira se era macho ou fêmea. Zulmira falou que era macho e eu sou macho mesmo, até para te servir, rameira de sacristia.

— Pois eu já fui na polícia e vou de novo, você tem que dar provas de que o Padre Afonso é pederasta.

— Ele não é de rebolar, de dar gritinhos histéricos, mas é pederasta, é só perguntar para os meninos do catecismo.

\* \* \*

No apartamento silencioso, Dona Olga pensava na vida. Sua cabeça era uma confusão total e só se lembrava das palavras de Padre Afonso, logo depois da novena. Dona Olga se lembrava da figura de Padre Afonso, a lhe dizer que nada



no mundo era pecado se fosse feito com amor. E era amor que ele lhe transmitia, enquanto acariciava suas mãos na despedida.

Pensando nisto, Dona Olga adormecera, as mãos segurando os paramentos que o padre lhe entregara para serem lavados. E dormindo, seu corpo se enrolara na alba e na sobrepeliz, sentindo a seda fria da estola junto às pernas, entre os seios, envolvendo o pescoço.

Dormindo, não viu a sobrinha chegar com o namorado: os dois, assentados na sala, escutaram seus sonhos e seus gemidos e viram aquele corpo santo, gordo, branco e virgem, às voltas com os paramentos do Padre Afonso, a camisola longe da cama, a luz acesa.

\* \* \*

No posto Policial, Marcos se limitou a responder as perguntas do delegado, sujeito simpático e de muito bom-humor. Padre Afonso, ao lado, nada dizia, e quando abria a boca era para falar que entrara naquilo como Pilatos no Credo. Um grande ator, o Padre Afonso.

O delegado queria resolver logo o caso: havia uma reclamação contra o rapaz, de desrespeito à uma senhora do bairro e de difamação à figura do Padre Afonso.

Marcos falou tudo que sabia de Dona Olga. Não se esqueceu de nada, nem dos pileques acontecidos na sacristia, com o vinho de missa correndo solto. O delegado, um sorriso de mofa, não deixava que o Padre Afonso interrompesse o rapaz, atento a cada detalhe.

Padre Afonso ficou vermelho quando Marcos falou sobre a pederastia na igreja e sobre a turma do catecismo. E o delegado se apoiou na mesa para ouvir melhor o caso de Dona Olga dormindo com os paramentos.

Na saída do Posto, o delegado, mão no ombro de Marcos, falou que o caso estava encerrado, mas que era melhor para a turma não mexer com o padre, com a coroa do padre.

E pediu que ele contasse mais uma vez o caso dos paramentos. Dentro do Posto, Padre Afonso tremia de raiva.

\* \* \*

Havia um halo em volta da cabeça de Padre Afonso naquela noite. Havia um brilho estranho em seus olhos, as palavras do sermão saíam secas, duras. O rosto suado parecia de pedra, os braços subiam e desciam como se fossem mecânicos.

Era um sermão sobre os enganos dos cristãos quanto à doutrina de Cristo. Sobre os fariseus do templo. Sobre as mulheres que nunca seguiam o exemplo de Verônica. Sobre os que procuram destruir a reputação alheia com invencionices pecaminosas.

E seus olhares, duros e agressivos, feriam Dona Olga, assentada, como sempre, na primeira fila de bancos. Bem que ela não queria ir à novena aquela noite, principalmente depois que Julinha lhe havia contado o que acontecera na delegacia.

Agora, ela estava presa ali na frente da nave, sem poder sair. O padre falando e ela sofrendo, sentindo que todos sabiam que as palavras lhe eram dirigidas. Quando o padre acabou de falar, não teve forças para sair, preferiu ficar até o fim da novena.

Na porta da igreja, Padre Afonso a esperou na escada, como sempre. Mas não era o mesmo homem. Seco, altivo, disse-lhe sem mais rodeios que a direção do coro havia sido entregue a outra paroquiana. E nem lhe deu a mão para a despedida: virou as costas e entrou na sacristia.

\* \* \*

Estava frio naquela noite. Dona Olga abraçou o próprio corpo, abaixou a cabeça e caminhou no meio-fio em direção a seu prédio. Os olhos ardiam, as lágrimas caíam sobre o xale preto que envolvia seu pescoço; na cabeça o véu se soltara ao vento.

Como era longe o seu prédio, nunca havia sentido isto. Tinha que passar pelo campinho de terra, pelas casas de ele-

tricidade, pelos moleques que, a essa hora da noite, ainda teimavam em conversar fiado, assentados no meio-fio.

Os braços cruzados no peito, Dona Olga chegou ao apartamento, silencioso depois que Julinha viajara. Sacudiu o corpo, tirou o xale dos ombros e o véu da cabeça. Era preciso trocar de roupa, mudar de vida, morrer, se possível.

Dona Olga, velha e virgem, bebeu toda a cerveja que havia comprado para passar no cabelo. Cerveja quente, misturada com vodca que encontrara no armário de Julinha.

Vestiu uma das roupas da sobrinha, blusa e calça pequenas para ela, não conseguia prender nem um botão. Colocou um cigarro na boca, um disco na radiola e, bêbada, quebrou as coisas da igreja que ia encontrando por sobre as mesas. Cansada, assentou-se no tapete e xingou todos os nomes que conhecia e ainda outros que já ouvira e não sabia o significado. Xingou alto, sua voz passando por sobre os gritos da radiola, por sobre os berros do disco dos Beatles.